

**DISPUTAS POLÍTICAS NO
ROCK BRASILEIRO EM
TEMPOS DE BOLSONARISMO:**
Desmistificando a Inerência
Progressista do Rock a Partir de
Douglas Kellner

**POLITICAL DISPUTES IN BRAZILIAN ROCK
IN TIMES OF BOLSONARISM:** Demystifying
the Progressive Inherence of Rock from
Douglas Kellner

Amanda Muniz Oliveira¹

*Universidade Federal de Juiz de Fora
rodoxbastos@gmail.com
amanda.muniz@ufjf.br*

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos²

*Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-5167-0843>
rodoxbastos@gmail.com*

Submetido em 30/05/2023

Aprovado em 25/07/2023

Resumo

O presente artigo busca demonstrar as disputas políticas que permeiam o cenário do rock brasileiro durante o período do bolsonarismo, com o intuito de desmistificar a ideia de que o rock é inerentemente progressista. Para tanto, fundamentamo-nos nas reflexões do filósofo Douglas Kellner, especialmente no seu trabalho sobre a cultura da mídia e suas dicotomias. Ao adotar a perspectiva de Kellner, a pesquisa argumenta que o rock brasileiro, assim como outras formas de expressão cultural, não é intrinsecamente progressista ou conservador, mas sim um campo de disputa onde diferentes ideologias e interesses se manifestam. Através da análise dessas disputas políticas, o estudo contribui para um entendimento mais complexo e matizado do papel do rock no contexto sociopolítico brasileiro.

Palavras-Chave: rock brasileiro; bolsonarismo; política.

Abstract

This article seeks to demonstrate the political disputes that permeated the Brazilian rock scene during the Bolsonarism period, in order to demystify the idea that rock is inherently progressive. To do so, we base ourselves on the reflections of the philosopher Douglas Kellner, especially on his work on media culture and its dichotomies. By adopting Kellner's perspective, the research argues that Brazilian rock, as well as other forms of cultural expression, is not intrinsically progressive or conservative, but rather a field of dispute where different ideologies and interests manifest themselves. Through the analysis of these political disputes, the study contributes to a more complex and nuanced understanding of the role of rock music in the Brazilian sociopolitical context.

Keywords: Brazilian rock; Bolsonarism; policy.

1 Professora Adjunta na Universidade Federal de Juiz Fora (UFJF). Advogada. Doutora em Direito Política e Sociedade pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Mestra em Teoria e História do Direito pela mesma Universidade. Coordenadora do Contra Legem: Núcleo de Estudos em Direito e Humanidades (CNPq/UFJF). Membro da Italian Society for Law and Literature, da Rede Brasileira de Direito e Literatura (RDL) e da Graphic Justice Research Alliance. Possui como temas de pesquisa: crítica feminista do direito (justiça reprodutiva; feminist jurisprudence/feminist legal studies) e os estudos de direito e literatura (law and literature; cultural legal studies; direito e cultura pop). E-mail: amandai040@gmail.com.

2 Professor Colaborador de História na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) - Departamento de História. Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH - UFSC). Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH - UNIMONTES). Possui pós-graduação em Filosofia (2011/2012), graduação em História (2003/2007). Vice coordenador do Contra Legem: Núcleo de Estudos em Direito e Humanidades (CNPq/UFJF). Integrante do MERIDIANUM: Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais (CNPq/UFSC) e do projeto de extensão "Interlaced Strands: Mediterranean images and the south american pathos". E-mail: rodoxbastos@gmail.com.

Introdução

O rock, ao longo de sua história, tem sido frequentemente associado a movimentos de contracultura, contestação social e expressão de ideais revolucionários. No entanto, o contexto político contemporâneo do Brasil, marcado pelo ascenso do bolsonarismo, tem gerado debates acerca da relação entre o rock e a política. Nesse sentido, surge a necessidade de investigar as disputas políticas dentro do cenário musical, a fim de analisar em que medida o rock brasileiro é realmente inerentemente revolucionário e transgressor.

Neste sentido, nosso objetivo principal é examinar as disputas políticas no rock brasileiro em tempos de bolsonarismo, com o intuito de desconstruir a ideia de que o gênero musical possui uma essência intrinsecamente subversiva.

Chamamos disputas políticas os debates em torno do apoio de artistas do rock brasileiro a Jair Bolsonaro, ex-presidente do país, caracterizado por autores como Armando Boito Jr. (2020) como expressão de um neofascismo³, que repudia os direitos humanos, a ciência, a educação, as minorias políticas, o meio ambiente e preza, supostamente, por valores tradicionais.

Já a expressão “tempos de bolsonarismo” refere-se ao período das Manifestações de 2013, que para Santos, Musse e Catani (2020) teria sido o marco inicial da ascensão de Bolsonaro à Presidência da República em 2018, até os dias de hoje, visto que mesmo com a derrota de Bolsonaro nas urnas em 2022 seus apoiadores seguem tensionando o cenário político nacional, a exemplo da invasão e depredação do Congresso Nacional em janeiro de 2023.

Para tanto, utilizaremos a abordagem teórica proposta por Douglas Kellner (2001), filósofo e teórico da comunicação, que discorre sobre a cultura da mídia e suas dicotomias, fornecendo um arcabouço conceitual relevante para a compreensão das complexidades envolvidas nas articulações políticas dentro do campo musical.

A análise das disputas políticas no rock brasileiro se mostra pertinente em razão do contexto político do país, marcado pela ascensão do bolsonarismo e a polarização política que o acompanha. Esse período tem suscitado posicionamentos políticos divergentes por parte de artistas e bandas do gênero, os quais nem sempre se enquadram na imagem estereotipada de uma postura contestatória e revolucionária.

Acreditamos que a compreensão dessas disputas políticas permitirá uma análise mais aprofundada das dinâmicas sociopolíticas que permeiam a sociedade brasileira contemporânea, além de contribuir para uma reflexão sobre o papel do rock como espaço de contestação e resistência.

Dessa forma, este estudo visa preencher uma lacuna na literatura acadêmica ao proporcionar uma análise crítica das disputas políticas no rock brasileiro durante o período do bolsonarismo. Ao aplicar a teoria da cultura da mídia de Kellner (2001), pretendemos desvendar a complexidade e a diversidade que circundam as diversas mídias, desconstruindo a noção de uma essência inerentemente revolucionária e transgressora

³ Abordar o conceito de neofascismo foge em muito aos objetivos do presente trabalho, motivo pelo qual remetemos os leitores ao texto de Armando Boito Jr. (2020), indicado nas referências.

no rock. A pesquisa contribuirá para um entendimento mais amplo do papel do rock no cenário sociopolítico brasileiro contemporâneo, fornecendo uma visão matizada das interações entre música, cultura e política.

Contextualizando o rock

Segundo Paulo Chacon (1995, p.18) “O rock não é [...] apenas um tipo especial de música, de compasso ou de ritmo. Restringi-lo a isso é não reconhecer sua profunda penetração numa parcela (cada vez mais) significativa das sociedades ocidentais”. Isto porque embora seja um gênero musical, ele possui certas particularidades. Chacon (1995, p.12) elenca a dança⁴, o ato de cantar⁵ (independentemente do idioma) e o apelo auditivo⁶ como características importantes, mas o que diferencia o rock dos demais estilos musicais seria o seu público. Nas palavras de Chacon (1995, p.18):

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se *define* pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e as mudanças que os anos provocam de geração a geração. Mais polímorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição (e da estagnação...).

Embora nos tempos contemporâneos discordemos que o mercado básico do rock é o público jovem, visto que os fãs que acompanharam as gêneses do movimento envelheceram e a juventude foi apresentada a gêneros musicais diversos, concordamos com a polimorfia indicada por Chacon no trecho acima. Se o rock é definido pelo seu público e seu público é variado, é natural que os temas e comportamentos abordados neste gênero musical sejam, igualmente, variados.

Todavia, existe um imaginário de que o rock seria inerentemente um gênero musical transgressor e revolucionário, o que muito provavelmente foi influenciado pelas condições sociais que permitiram sua emergência.

Segundo Chacon (1995, p.24), o rock originou-se entre as décadas de 50 e 60, a partir três gêneros musicais: a *pop music*, defensora dos valores conservadores de então (o que indica a presença de um viés mais à direita desde sua origem); o *rhythm and blues*, a vertente negra contestadora que quase exclusivamente deu forma ao rock; e a *country and western music*, que veiculava as mensagens de dor e sofrimento dos camponeses brancos.

4 Chacon (1995, p.27) conta que a dança de Elvis Presley, um dos precursores do rock, era considerada tão obscena que em determinado programa de TV, só foi permitido que o filmassem da cintura para cima.

5 Conforme Chacon (1995, p. 13), mesmo aqueles que não sabem o idioma inglês arriscam-se a acompanhar as letras das músicas em alto e bom som.

6 Para Chacon (1995, p.13-14), apelo este ligado à sensibilidade, diferentemente da arte visual que possui um apelo mais racional, pois lida com objetividade e existência palpável. Embora discordemos desta afirmação sobre o visual, concordamos que o auditivo se relaciona à sensibilidade e à emoção.

Nas palavras de Chacon (1995, p. 26) “embora beba nas três fontes [...] o rock se embriagou mesmo foi de música negra. A pop e a country music impediram que o rock se transformasse apenas na versão branca do ‘rhythm and blues’ e criasse assim sua própria proposta”. Paulo Carmo, citado por Luciano Alves, (2002, p.30), informa ainda que o *blues* foi o responsável pela sensualidade do rock, já perceptível na própria nomenclatura do gênero, que é a “união de duas gírias, rock (sacudir) e roll (rolar), com alusão aos movimentos sexuais.”

Tal fato é relevante quando os acontecimentos da época são levados em consideração; conforme Chacon (1995, p. 24-25), o puritanismo americano de 30 e 40 gerados pela Grande Depressão, sucumbiram ao

impacto moral da guerra. Após seus 37 milhões de mortos, muitos começaram a se perguntar sobre o exato valor da vida e sobre o sentido de se defender um modelo de comportamento que levava milhões ao holocausto. Ora, rejeitar esse modelo não tinha sido sempre esse o comportamento dos negros? Não estariam eles certos? Como não prestar atenção ao som de Muddy Waters, B. B. King, John Lee Hooker, Howlin’ Wolf e outros? Claro que nem todo *wasps*⁷ tinha essas dúvidas. Mas após a guerra da Coreia (1950-53) a incerteza parece ter aumentado e a vibração negra, sua voz grave e rouca, sua sexualidade transparente e seu som pesado agora alimentado pela guitarra elétrica, tudo isso parecia bem mais atrativo a milhões de jovens, inicialmente americanos mas logo por todo o mundo, que pareciam procurar seu próprio estilo de vida.

Ou seja, no intuito de criticar o contexto político específico no qual se inseriam, os jovens da época aderiram ao rock como forma de dar vazão a suas insatisfações. Entretanto, o mercado fonográfico logo observou esse interesse pelo gênero musical em ascensão e logo o cooptou para uma lógica industrial e capitalista. Conforme Alves (2002, p.31-32):

Na medida em que os agentes dessa indústria cultural detectaram a popularidade *rock*, não apenas as gravadoras, mas também o rádio, o cinema e a televisão foram mobilizados, e em pouco tempo as canções ao mesmo tempo em que sintetizavam aspirações da juventude americana constituíam-se como uma excepcional mercadoria no âmbito do mercado cultural.

Neste sentido Chacon (1995, p.26) nos conta que foi Alan Freed, um DJ americano, o responsável pela disseminação industrializada do rock. Ele logo percebeu que o gênero musical a surgir seria rentável e consumível por brancos, desde que tivesse o nome trocado. A íntima relação entre *rock and roll* e indústria cultural é apontada por Hobsbawn (2009, p.17): “a partir de 1955, quando nasceu o rock-and-roll, até 1959, as vendas de disco norte-americanas cresceram 36% a cada ano.” Pertinente a observação de Hobsbawn (2009, p.16-17) que afirma:

[...] o rock nunca foi uma música de minoria. O *rhythm-and-blues*, como foi desenvolvido depois da Segunda Guerra Mundial, era música folk dos negros

⁷ A sigla *Wasp* significa *White anglo-saxon and protestant*, algo como Anglo-saxão branco e protestante, em tradução livre. Trata-se da sociedade conservadora da época.

urbanos nos anos 1940, quando um milhão e meio de negros deixaram o sul em direção ao norte e aos guetos do oeste. [...] Os adolescentes brancos começaram a comprar discos de rhythm-and-blues (r&b) no início dos anos 1950, tendo descoberto essas músicas em estações locais e especializadas que se multiplicavam naqueles anos, à medida que a massa de adultos transferia sua atenção para a televisão. À primeira vista eles pareciam ser a pequena e atípica minoria que ainda pode ser vista nos locais onde há entretenimento de negros, como os visitantes brancos que vinham aos clubes dos guetos de Chicago. No entanto, assim que a indústria da música percebeu esse mercado em potencial composto de brancos, tornou-se evidente que o rock era o oposto do gosto da minoria. Era a música de toda uma faixa etária.

Assim, o sucesso do *rock and roll* em sua origem pode ser explicado pelo fato e agradar uma grande parcela do público da época: a juventude, fato que se modificou contemporaneamente ao menos no Brasil. Em pesquisa realizada pelo DataFolha no ano de 2022⁸, 30% dos jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos escutam sertanejo, seguido de Funk (24%), Pop (24%), Rap/Hip Hop (24%), Pagode (21%) e, finalmente, rock (19%). Ou seja, essa associação entre rock e juventude ocorreu primordialmente com o surgimento do gênero musical, mas não necessariamente permaneceu ao longo do tempo.

Essa característica de ser “a música da juventude” em sua origem é relevante porque, conforme Mugiatti (1973, p.39-40), nos anos 50 o *rock and roll* cantava assuntos juvenis, como o conflito de gerações, a complexidade das relações amorosas, a adrenalina de se dirigir *cadillacs* e estava intimamente relacionado à dança e a sensualidade.

Entretanto, segundo Mugiatti (1973, p.42-43), é na década de 60 que impera um grito genuíno de revolta: o *rock*, que não se confunde com o *rock and roll* dos anos 50. Para Chacon (1995, p. 30-31), os ingleses começavam a se destacar na produção do gênero, sendo que o surgimento dos *Beatles* e *Rolling Stones* em 1962 foi o grande marco do rock. O Autor (1995, p.31) aponta “a incrível capacidade de representar os valores do seu próprio tempo” e a “genialidade” como os fatores responsáveis pelo sucesso das duas bandas. Conforme Chacon (1995, p.32):

Os dois grupos conquistaram o mercado inglês mais ou menos na mesma época: fins de 62 e início de 63. Suas imagens contestadoras (o cabelo comprido, o fino senso de humor e a avacalhão nas entrevistas) se mesclavam com o bom comportamento (tipo terninho limpo, beijos nas fãs) que os promotores e produtores deles esperavam. Pode-se dizer que, até o LP *Help!*, em meados de 1965, os dois grupos vinham no embalo do Rock inglês à procura do mercado americano.

Assim, enquanto o *rock and roll* retratava preocupações típicas da geração dos anos cinquenta (namoros, conflitos geracionais, o amor aos *cadillacs*, etc⁹), visto que surge como um gênero musical voltado à juventude da época, o rock trás em suas letras

8 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/sertanejo-e-o-estilo-musical-mais-ouvido-entre-os-jovens-brasileiros-mostra-datafolha.shtml#:~:text=O%20sertanejo%20%C3%A9%20o%20estilo,familiar%20mensal%20e%20posicionamento%20pol%C3%ADtico.>>. Acesso em 28 mai. 2023.

9 Tal fato acontece inclusive no Brasil. O rock and roll era música da Jovem Guarda que abordava exatamente esses temas geracionais sem grandes profundidades políticas. Para mais informações, checar: FRÔES, Marcelo. *Jovem Guarda*: em ritmo de aventura. São Paulo: Ed. 34, 2000.

um cunho sócio-político, retratando os anseios da juventude dos anos 60. A luta pela liberação sexual, as críticas à Guerra no Vietnã, os movimentos pela ampliação dos direitos civis e o Maio de 68, na França, contextualizam a emergência deste teor político no rock que vai se somar, inclusive, à chamada contracultura.

De acordo com Roszak (1972, p.15-51) a contracultura é uma cultura inversa, radicalmente contrária aos ideais propagados pela então cultura hegemônica, cujo objetivo seria contrapor “aquela sociedade na qual os governantes justificam-se invocando especialistas técnicos, que por sua vez justificam-se invocando formas científicas de conhecimento. E além da autoridade da ciência não cabe recurso algum”, ou seja, a *tecnocracia*.

E um dos principais veículos do pensamento contracultural, conforme Roszak (1972, p. 51) seria “a exuberância juvenil do clube de rock”. Embora o Autor (1972, p.270) não tenha apreço pelo estilo musical, concorda que os grupos de rock são “‘profetas’ da nova geração. [...] Provavelmente a expressão mais vívida e oportuna da rebeldia dos jovens (está) não só nas letras das canções como em todo o estilo gutural e rouquenho do som e da execução”.

Assim, ao abordar a relação entre rock e revolução, Mugiatti (1973, p. 15) afirma:

tudo no panorama da atual cultura americana – e da sua contracultura – conduz essa ligação entre canção e revolução. E, se um capitão do exército americano diz que <<o rock and roll contribui para o uso de drogas, bem como para a alta incidência de doenças venéreas entre os recrutas>>, existe também o jovem radical que afirma: <<O rock não é apenas um hino de guerra, um fundo sonoro como A Marselhesa foi para a Revolução Francesa. Para a nossa geração, o rock é a revolução>>.

Todavia, é preciso observar esta relação de forma crítica, sob pena de impor ao rock um papel que não lhe cabe. Conforme Mugiatti (1973, p.19), existe uma mitologia erguida em relação ao rock; isso pode ser exemplificado pela trajetória de Bob Dylan, que em início de carreira compunha canções aparentemente engajadas, facilmente assimiladas pelo público em razão do desencanto americano que prevalecia na época. Entretanto, a partir de 1964 ele começa a se afastar da política. Mugiatti (1973, p.19-20) cita as palavras do próprio cantor sobre o fenômeno:

<<Olhei em volta de mim e vi todo mundo apontando um dedo acusador para a bomba. Mas esse papo de bomba está ficando chato, porque o que existe de errado vai muito mais fundo do que a própria bomba. O errado é que poucas pessoas são livres. E a maioria fica apegada a coisas que a impedem de falar, por isso as pessoas só fazem acrescentar sua confusão à paranoia geral.>> Em resumo, quem faz a Bomba e quem usa a Bomba é o próprio homem.

Duramente criticado pela esquerda ortodoxa, sendo apontado mesmo como traidor da contracultura, *Bob Dylan*, de certa forma, amadurece e começa a questionar a mitologia do rock como revolução em si. Pouco a pouco, as dúvidas do cantor passam a assolar os jovens, afinal, como modificar as coisas? Mugiatti (1973, p.20), cita a única certeza de Dylan “Não se faz uma revolução com canções”.

Com o lançamento do álbum *Sgt. Peppers Lonely Heart's Club Band*, dos *Beatles*, a resposta imediata para a mudança concentra-se em expandir a mente. Segundo Mugiatti (1973, p.21), este álbum sintetiza os temas da contracultura, com destaque para o misticismo oriental e a psicodelia. A partir deste momento, Mugiatti (1973, p.22-23) afirma que as opiniões se dividem: de um lado, há aqueles que não acreditam na possibilidade de se construir uma *sociedade alternativa*, porque os indivíduos estão alienados graças à mídia – alienação esta, constantemente denunciada pelos grupos de rock. Por outro lado, há os que acreditam nesta sociedade alternativa como possibilidade real: por meio do rock, haveria um *despertar* consciente e assim os indivíduos poderiam alcançar a libertação. Sobre este suposto *despertar*, Mugiatti (1973, p.26) cita John Lennon e a maturidade como ele encara a situação, já em 1971: “Afinal de contas, as pessoas não são tão para a frente assim: os estudantes não são tão conscientes; são exatamente como as outras pessoas.”

A própria ocorrência do festival *Woodstock*, visto como acontecimento máximo da contracultura, é vista de forma crítica: Mugiatti (1973, p.27) cita John Sinclair, poeta fundador do grupo radical *White Panther*, que mostra desprezo pelos *hippies* que nada mais fazem a não ser consumir drogas e ouvir músicas. Assim, Mugiatti (1973, p.29) suscita a seguinte questão: “[...] como colocar a música de rock em sua verdadeira dimensão? Ela não é, como pretende o crítico Stanley Booth <<apenas um pouco de páprica no jantar nuclear da TV>>. Mas também não é, como querem muitos radicais da contracultura, a revolução”.

Essa dicotomia enfrentada pelo rock neste período não irá desaparecer posteriormente. Ainda hoje é comum ouvir disputas sobre o seu lugar social: ora o rock é entendido como um gênero musical transgressor, crítico, capaz de gerar mudanças sociais; ora é interpretado como “apenas música”. Mas afinal de contas, qual seriam, então, as possíveis relações entre rock e política? Para responder a esse questionamento, passamos a apresentar as visões do filósofo Douglas Kellner sobre a cultura da mídia.

O rock como mídia: a cultura da mídia

No intuito de propor uma análise aprofundada dos produtos midiáticos culturais que circulam em nossa sociedade, o filósofo Douglas Kellner escreve, em 1995, *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*, livro publicado em 2001 no Brasil.

Em sua obra, Kellner (2001, p.11) procura estudar “algumas das consequências do domínio da cultura veiculada pela mídia sobre a sociedade e a cultura em geral”. Importante destacar que para Kellner (2001), a cultura da mídia seria um conjunto de crenças, visões de mundo, ideias, representações e discursos heterogêneos e constituído pelos mais diversos meios audiovisuais – TV, cinema, rádio, música, etc. – e impressos – jornais, revistas, quadrinhos, etc. O rock, portanto, é um dos diversos elementos da cultura da mídia e, por isso, pode ser interpretado a partir desta chave analítica.

Apesar de deixar claro que sua teoria é feita pensando na sociedade norte americana, ele acredita que ela pode ser utilizada por pesquisadores de outras nacionalidades, graças à expansão da cultura estadunidense. Lembremo-nos inclusive de que o próprio rock foi originado nos Estados Unidos e depois lançado ao mundo.

Assim, uma leitura política de textos midiáticos, em geral, deve levar em consideração três elementos principais: o texto em si, o contexto no qual ele se insere e a recepção do público sobre a mídia analisada. Conforme Kellner (2001, p.76) uma leitura política

significa não só ler essa cultura no seu contexto sociopolítico e econômico, mas também ver de que modo os componentes internos de seus textos codificam relações de poder e dominação, servindo para promover os interesses dos grupos dominantes à custa de outros, para opor-se às ideologias, instituições e práticas hegemônicas, ou para conter uma mistura contraditória de formas que promovem dominação e resistência. Portanto, ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genérico, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estético-formais incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos. Ler politicamente a cultura também significa ver como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e suas narrativas.

A leitura política, assim, identifica de que forma os discursos vigentes na sociedade, seja de dominação ou resistência, são transcodificados. Segundo Kellner e Ryan (1990, p.12-13) isso significa dizer que mais do que espelhar uma realidade, a mídia “executa a transferência de um campo discursivo para outro¹⁰”. Como resultado, “ela se torna parte de um sistema cultural mais amplo de representações que constrói a realidade social. Essa construção ocorre, em parte, por meio da internalização das representações¹¹”.

As representações seriam, conforme Denise Jodelet (2001, p.18-23), interpretações baseadas em saberes anteriores, que aparentemente fornecem explicações sobre fenômenos diversos e são compartilhadas por uma coletividade; estão relacionadas às mídias e aos meios de comunicação de massa, que podem auxiliar em sua elaboração ou em sua afirmação. De forma simplificada, poderíamos dizer que as representações são as exteriorizações de um senso comum (correto ou incorreto, não importa), seja em imagens, sons ou textos.

Para Kellner e Ryan (1990, p.13), as representações são importantes porque:

Permitem que as pessoas marquem as fronteiras entre o eu e o mundo, bem como entre os objetos e o mundo. Representações são, também, apreendidas da cultura e internalizadas, sendo adotadas como parte do eu. Quando internalizadas, elas moldam o eu de tal forma que nos tornamos acomodados com os valores inerentes nessas representações culturais. Consequentemente, o tipo de representação que prevalece em uma cultura é uma questão política crucial. As representações culturais não apenas dão forma às disposições psicológicas; elas também tem um papel importante ao determinar como a realidade social será construída, isto é, quais as figuras e fronteiras irão prevalecer na formação da vida social e das instituições sociais¹².

10 Traduziu-se do original em inglês: “execute a transfer from one discursive field to another”.

11 Traduziu-se do original em inglês: “[it] become[s] part of that broader cultural systems of representations that constructs social reality. That construction occurs in part through the internalization of representations”.

12 Traduziu-se do original em inglês: “[...] it allows the person to mark out boundaries between the self and the world as well as between objects in the world. Representations are also taken from the culture and internalized, adopted as part of the self. When internalized, they mold the self in such a way that it becomes accommodated to the values inherent in those cultural representations. Consequently, the sort of representations which prevail in a culture is a crucial political issue. Cultural representations not only give shape to psychological dispositions, they also play an important role in determining how social reality will be constructed, that is, what figures and boundaries will prevail in the shaping of social life and social institutions”.

Assim, são as representações que irão influenciar a percepção de mundo por parte do seu público, mas nunca determiná-las justamente porque os espectadores são sujeitos ativos que podem criticar e contrapor essas representações apresentadas. Neste sentido, Kellner (2001, p.03) não nega o potencial de doutrinação e alienação que perpassa a cultura da mídia; todavia, o Autor salienta a possibilidade de resistência e ressignificação dos discursos por ela veiculados. Nas palavras de Kellner (2001, p.11-12):

o público pode resistir aos seus significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalece-los na oposição a essa mesma sociedade.”

Importante destacar que Kellner (2001) não entende o público como uma massa passiva, que simplesmente absorve as mensagens veiculadas de uma forma acrítica. Os espectadores seriam uma verdadeira charada. Os efeitos dos produtos midiáticos no público são imprecisos e inexatos justamente porque presente a variável humana: o que comove e agrada a um poderá irritar e desagradar a outro.

A título de exemplo, lembremo-nos do show de Roger Waters, um dos fundadores da banda de rock Pink Floyd, em seus shows no Brasil em 2018 – ano das eleições nas quais Bolsonaro saiu vitorioso. Waters sempre foi politicamente ativo, se posicionando a favor do povo palestino, contrário à intervenção dos Estados Unidos na Venezuela e contrário à ascensão de políticos da extrema-direita (lista na qual o artista inclui Donald Trump e o próprio Jair Bolsonaro).

Todavia, muitos fãs se mostraram surpresos e infelizes com a crítica de Waters à figura de Bolsonaro, sendo que o site de notícias *O Antagonista* chegou a publicar reportagem criticando a atuação do músico, encerrada com a seguinte frase: “curta a música de Roger Waters, mas o vaie quando ele falar de política”¹³. Acreditamos que tal fato pode ser explicado justamente no campo das representações: a frase nos indica que se por um lado Waters é um respeitado músico, aclamado mundialmente e, obviamente, “entendido” de música, de outro ele nada entenderia de política porque as representações sobre política que ele apresentou em sua performance artística (ou seja, um conjunto de ideias específicas sobre Bolsonaro) destoam das representações defendidas por esse segmento de público, gerando o embate.

São, assim, as representações veiculadas pela mídia que irão influenciar, por exemplo, a audiência a ver o rock como uma música transgressora e revolucionária, reacionária e conservadora ou, ainda, como “apenas música”. Em outras palavras nenhuma mídia, especialmente o rock (mas o alerta serve para o sertanejo, para o funk, para o rap/hip hop e para todos os gêneros musicais) pode ser vista como inerentemente

13 Disponível em: <<https://oantagonista.uol.com.br/cultura/roger-waters-contr-a-israel-pro-putin-e-agora-contr-a-bolsonaro/>>. Acesso em 28 mai. 2023.

progressista ou reacionária; tudo irá depender das representações veiculadas e de como essas representações impactam os diversos seguimentos de público. Nas palavras de Kellner (2001, p.123):

[...]os textos culturais não são intrinsecamente ‘conservadores’ ou ‘liberais’. Ao contrário, muitos textos tentam enveredar por ambas as vias para cativar o maior público possível, enquanto outros difundem posições ideológicas, estratégias narrativas, construção de imagens e efeitos (por exemplo, cinematográficos, televisivos, musicais) que raramente se integram numa posição ideológica pura e coerente. Tentam oferecer algo a todos, atrair o maior público possível e, por isso, muitas vezes incorporam um amplo espectro de posições ideológicas. Além disso, como [...] [argumentamos], certos textos dessa cultura propõe pontos de vista ideológicos específicos que podemos verificar estabelecendo uma relação deles com os discursos e debates políticos de sua época, com outras produções culturais referentes a temas semelhantes e com motivos ideológicos que, presentes na cultura, estejam em ação em determinado texto.”

É essa profusão de detalhes que causa a aparente contradição entre pessoas de direita se identificarem, por exemplo, com a música de Roger Waters: em um site de internet¹⁴, está a interpretação de que Waters não pode ser comunista pois se posicionou contra a União Soviética ao realizar seu histórico show *The Wall* por ocasião da queda do Muro de Berlim. Ou seja, a representação veiculada na ocasião foi compreendida como uma atitude anticomunista, informação esta que pode influenciar um público anticomunista a continuar ouvindo o artista, ainda que se discorde de outras representações por ele veiculadas. Por isso, para este público, não há contradição. Novamente, vale frisar: tudo dependerá da representação veiculada e de como o público a interpreta.

Isto posto, passamos agora a analisar alguns exemplos de como a polarização política em tempos de bolsonarismo se reflete, também, no rock – motivo pelo qual este gênero musical, assim como toda cultura da mídia, não pode ser reduzido a um gênero conservador, a “apenas som” ou ainda, a uma música transgressora e revolucionária. As relações são mais complexas e ao destrinchá-las podemos compreender melhor aparentes paradoxos e contradições por parte dos fãs deste estilo musical, revelando visões de mundo com as quais não estamos acostumados e, assim, entender melhor a realidade que nos cerca.

Disputas Políticas no Rock Brasileiro em tempos de Bolsonaro

No intuito de demonstrar a complexidade de representações engendradas pelos músicos de rock, seja em suas músicas, em seu comportamento, performance, entrevistas ou qualquer outro elemento integrante de sua posição enquanto artista, passamos a destacar alguns músicos que abertamente se manifestaram a favor do bolsonarismo nos últimos dez anos.

Talvez o caso mais notório e emblemático seja o de Roger Moreira, idealizador compositor, guitarrista e vocalista da banda de rock Ultraje a Rigor, importante grupo

14 Disponível em: <<https://igormiranda.com.br/2021/09/roger-waters-comunista-politica/>>. Acesso em 28 mai. 2023.

musical do rock brasileiro dos anos 1980. Árduo apoiador de Jair Bolsonaro, Roger já justificou a tortura de crianças durante a ditadura militar, atribuindo a culpa aos pais¹⁵; já em novembro de 2022, mostrou-se favorável a intervenção militar, pauta de bolsonaristas durante o feriado de Proclamação da República daquele ano¹⁶. Em outra fala violenta, sugeriu que uma criança de 11 anos, vítima de estupro, “parasse de meter”¹⁷. Em 2017, debochou de ato de racismo em supermercado¹⁸. Em 2021, foi condenado pela Justiça do Rio de Janeiro a pagar R\$ 100.000,00 (cem mil reais) a artista Adriana Varejão, por discursos misóginos¹⁹.

A lista de polêmicas envolvendo Roger Moreira é extensa, motivo pelo qual encerramos por aqui. Para prosseguirmos com nossa análise, cabe agora, contrastar esse posicionamento político com a sua atuação como músico, a frente do Ultraje a Rigor. A banda teve uma grande relevância no cenário do rock brasileiro nos anos 1980, sendo uma das bandas pioneiras do movimento chamado “BRock” (ou “Rock Brasil”). Com um som enérgico e letras irreverentes, a banda se destacou pela mistura de estilos musicais, combinando elementos do rock, punk e pop, com letras que abordavam temas cotidianos, críticas sociais e ironias. Eles conseguiram capturar o espírito da juventude daquele período, com suas músicas divertidas e contestadoras, o que contribuiu para seu enorme sucesso e popularidade.

Além do impacto musical, o Ultraje a Rigor também teve uma influência significativa no desenvolvimento da cultura do rock no Brasil. A banda se apresentava com um visual característico, usando roupas extravagantes e adotando uma postura irreverente no palco. Eles ajudaram a consolidar o rock como uma forma de expressão jovem e contestadora no país.

Dentre suas músicas mais conhecidas podemos citar “Inútil”, cuja letra expressa uma crítica a diversas habilidades não desenvolvidas pelo povo brasileiro, como a capacidade de escolher líderes políticos adequados, ou mesmo desenvolver alguma forma de arte²⁰. Mas para além disso, a letra é intencionalmente escrita de forma gramaticalmente errada (“A gente não sabemos escolher presidente”), o que pode ser interpretado como uma questão discriminatória linguística de variantes não padrão. No que se refere à sonoridade, a música tem um refrão marcante e enérgico, o que transmite a mensagem de insatisfação e rebeldia.

Outra música do grupo que merece destaque é intitulada “Filha da Puta”, que denuncia a corrupção e a falta de ética na política. A letra critica a classe política brasileira,

15 Disponível em <<https://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2019/04/5631660-roger-e-criticado-apos-comentario-sobre-tortura-de-criancas-na-ditadura.html>>. Acesso em 28 mai. 2023.

16 Disponível em: <<https://gente.ig.com.br/colunas/marcelo-bandeira/2022-11-17/roger--do-ultraje-a-rigor--ataca-globo-por-causa-de-atos-bolsonaristas.html>>. Acesso em 28 mai. 2023.

17 Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/roger-moreira-e-criticado-por-comentario-sobre-jovem-que-engravidou-pela-2-vez-apos-estupro.phtml>>. Acesso em 28 mai. 2023.

18 Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/segunda-tela/2017/12/7/roger-faz-postagem-ironizando-ato-de-racismo-em-supermercado-1855.html>>. Acesso em 28 mai. 2023.

19 Disponível em: bit.ly/45UEv90. Acesso em 28 mai. 2023.

20 Como nos trechos: “a gente não sabe escolher presidente” e “a gente faz música e não consegue gravar”. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49189/>>. Acesso em 29 mai. 2023.

utilizando termos fortes e diretos para expressar o descontentamento com a situação política do país²¹. A melodia é rápida e agressiva, transmitindo a indignação e a revolta diante da corrupção e do descaso.

Apresentado este breve panorama, cabe indagar: mas o que teria feito um músico como Roger Moreira, autor de músicas diretamente ligadas a crítica social e política, apoiar um governo entendido como neofascista, contrário ao próprio rock²² e direitos humanos básicos?

Antes de mais nada é preciso afirmar de pronto: a contradição que se instaura é apenas aparente. Se o rock brasileiro também nasce vinculado a rebeldia, contestação e crítica aos valores dominantes pré-estabelecidos, é primordial entender as representações que se formam em torno dessas ideias. Uma entrevista do próprio Roger Moreira pode nos auxiliar a destrinchar o assunto: “O que muita gente de esquerda não percebe é que eles acham que estão se rebelando, mas a rebeldia hoje é ser de direita. É quebrar a espiral do silêncio construída durante anos pela esquerda. É jogar na cara desses reacionários que vivem um eterno 68 que o mundo mudou”.

Este pequeno trecho nos informa que as representações apreendidas e interpretadas por Roger, de alguma forma, o fazem acreditar que o pensamento político ideológico vigente atualmente é o de esquerda; suas visões a respeito deste espectro político são fortes ao ponto de chama-lo de “reacionário”.

Infelizmente foge aos escopos deste trabalho analisar detalhadamente se essas percepções correspondem ou não à atual dinâmica sócio-política do Brasil, mas levando em consideração que as palavras de Roger são empreendidas dentro de um contexto no qual a polarização partidária é representada pela oposição Bolsonaro X Lulismo, é importante destacar que Lula e o Partido dos Trabalhadores não são hegemonicamente considerados como de esquerda, estando mais alinhados, como aponta Carvalho (2016) ao espectro do centro visto que realizaram concessões variadas para se firmar no poder.

Mas independente disso, fato é que para Roger existe uma hegemonia de esquerda no Brasil em tempos bolsonaristas, hegemonia esta que o impede de proferir seus absurdos livremente. Por isso, para ele, não há nenhuma contradição entre cantar versos como “a gente não sabe escolher presidente” ou “a terra é uma beleza, o que estraga é essa gente” e apoiar um governo apontado como neofascista – governo este que, inclusive, foi um incentivador da censura tão criticada pelo músico, como apontam Lirio (2023) e Reimão, Nery e Maués (2022).

Interessante destacar que Roger é tão leal ao bolsonarismo que mostrou-se favorável a ele até quando o então presidente indicou Dante Mantovani para a presidência da Fundação Nacional de Artes, ligada ao Ministério da Cultura. A respeito do rock Mantovani disse: “O rock ativa as drogas, que ativa o sexo, que ativa a indústria do

21 Como no trecho “É uma coisa muito feia/E é o que mais tem por aqui/E sendo nós da Pátria filhos/Não tem nem como fugir/E eu não vi nenhum tostão/Da grana toda que ela arrecadou/Na certa foi parar na mão/De algum maldito gigolô”. Disponível em: < <https://m.letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49187/>>. Acesso em 30 mai. 2023.

22 Como exemplificado pela indicação do governo de Dante Mantovani para presidência da Fundação Nacional de Artes, que relacionou rock ao satanismo. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/politica/presidente-da-funarte-que-comparou-o-rock-ao-satanismo-reassumem-o-cargo/>>. Acesso em 30 mai. 2023.

aborto. A indústria do aborto por sua vez alimenta uma coisa muito mais pesada que é o satanismo. O próprio John Lennon disse que fez um pacto com o diabo". Sobre a manifestação, Roger apenas disse: "o cara (Bolsonaro) mandou mal (na indicação). Mas pra mim nem faz nem nunca fez a menor diferença a existência da Funarte."²³

Outro exemplo de como o rock brasileiro não pode ser inerentemente visto como revolucionário e progressista é o caso de Digão, vocalista da banda Raimundos. A banda, surgida em 1987, é caracterizada por uma mistura de gêneros musicais, incluindo punk rock, rock alternativo e influências regionais brasileiras. Suas letras, entretanto, são controversas desde o início do grupo; se por um lado canções como "Eu Quero Ver o Oco" faz uma crítica ao comportamento violento e destrutivo e "Mulher de Fases" aborda os estereótipos e as complexidades dos relacionamentos amorosos, por outro, "Me Lambe" faz uma apologia a relações sexuais entre uma menina menor de idade e um homem maior de idade, sendo acusada de incitar pedofilia²⁴. Essa dicotomia expressa também nas letras reforça nosso argumento de que o rock, seja como gênero, seja como movimento/comportamento é permeado de tensões entre conservadorismo x progressismo.

Embora tenha negado ser bolsonarista, como Roger, Digão veio a público em 2022 manifestar seu voto em favor de Jair Bolsonaro. Em suas palavras:

as pessoas me cancelaram porque eu falei mal do comunismo. Mas uma coisa é clara, o nome só mudou, porque isso, na verdade, é censura. O Instagram te censura, as próprias pessoas perseguem as outras. Eu senti na pele, mesmo que um pouquinho, como os judeus se sentiam sendo perseguidos."

Ou seja, assim como Roger, Digão vislumbra na esquerda uma ação autoritária aos moldes nazistas, responsável por persegui-lo e mesmo censurá-lo. As críticas que recebeu por falar mal do comunismo, em sua visão, são atos comparáveis ao holocausto judeu – uma comparação infundada e desproporcional. A simples crítica e contraponto argumentativo a uma opinião emitida de forma pública é confundida com censura e perseguição, o que para Digão justifica associar esquerda e nazismo. No caso desse artista em específico interessante destacar que ele é a favor da legalização da maconha e reconhece que uma de suas músicas, "Bicharada", tem conteúdo homofóbico e o deixa desconfortável. Mas a defesa de pautas progressistas não o impede de tecer críticas ao que ele entende como esquerda, ou seja, à Lula e ao PT, responsáveis por fomentar supostas censuras e perseguição.

Outro integrante de banda de rock que manifestou seu apoio a Bolsonaro foi Rodrigo Costa, ex-baixista da banda Forfun. Fundada em 2001 e encerrada em 2015, a banda propunha uma mistura de reggae, rock, ska, rap e outros gêneros, bordavam uma variedade de temas, desde questões sociais e ambientais até reflexões sobre relacionamentos e experiências pessoais.

23 Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/a-trairagem-de-bolsonaro-com-seus-brothers-os-roqueiros-reacas/>>. Acesso em 29 mai. 2023.

24 Em razão dos trechos "O quê o que que essa criança tá fazendo aí toda mocinha?/Vê, já sabe rebolar, e hoje em dia quem não sabe/Se ela der mole eu juro que eu não faço nada/Dá cadeia e é contra o costume/Mas se eu tiver na rua e ela de mão dada com outro cara eu morro de ciúme!" e "No parque de diversões foi que ela virou mulher das forte". A letra completa está disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/raimundos/me-lambe-2.html>>. Acesso em 30 mai. 2023. Uma crítica pode ser lida em: <<https://alataj.com.br/trend/6-musicas-que-voce-nao-precisa-mais-tocar>>. Acesso em 30 mai. 2023.

Tem-se por exemplo a música Gruvi Quântico, que aborda questões relacionadas à urbanização desenfreada, perda da identidade cultural e o impacto da modernização sobre o ambiente e as relações humanas²⁵. A melodia combina elementos de reggae e rock, com uma base rítmica pulsante e melodias suaves. Outra canção crítica que podemos mencionar é Latina, que faz uma ferrenha crítica ao colonialismo e ao capitalismo²⁶.

Uma característica interessante da banda Forfun é que seu fim, em 2015, teve como um dos motivos justamente a divergência ideológica entre seus integrantes, tanto que em 2016 os demais membros montaram um novo grupo, Braza, sem a presença do ex-baixista Rodrigo Costa. O fato é comentado pelo próprio, que afirma:

O Forfun sempre teve um viés mais de esquerda, político e tal, e eu fui me tornando um elemento fora dessa coisa, porque, apesar de a faculdade quase não mostrar conteúdo que não fosse desse viés mais de esquerda --Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que doutrina alunos e não ensina de forma equilibrada--, mesmo que eu estivesse dentro desse instituto, eu consegui, com o pouquinho que certos professores me mostravam, despertar esse interesse por um outro lado da coisa que eu não conhecia direito²⁷.

Ou seja, nesse caso em específico é possível que as músicas tivessem uma crítica social mais evidente em razão do posicionamento dos demais integrantes e não exatamente por causa de Rodrigo Costa. No ano de 2019, ao ser indagado sobre o governo Bolsonaro, o músico forneceu a seguinte resposta:

No pouquíssimo tempo, menos de 2 meses, que há de governo para se avaliar, num aspecto geral estou satisfeito e confiante, porém ao mesmo tempo atento ao fato de que não será fácil para Jair Bolsonaro governar sequer por um dia, pelo risco que todas as suas pautas juntas representam para o atual sistema brasileiro por vezes engessado, outras corrupto, em suas esferas política, econômica, educativa, cultural, etc, que hoje, após um quase bem sucedido completo aparelhamento do Estado, atuam sob a égide da ideologia marxista/gramsciana em sua maioria²⁸.

Em sua fala percebemos mais uma vez a ideia de que a esquerda é uma ideologia hegemônica a ser combatida, inclusive acoplada institucionalmente à máquina estatal. Diferentemente de Roger e Digão, não encontramos menção expressa de Rodrigo à suposta censura instaurada pela esquerda, mas o sentimento de ser “transgressor” ao possuir acesso a uma suposta verdade oculta e difícil de ser acessada nos permite interpretar que, assim como Roger e Digão, Rodrigo entenda que a grande rebeldia é lutar contra um suposto *status quo* da esquerda.

25 Como no trecho: “Embragada no egoísmo que lhe embaça a visão/A humanidade enxerga a vida como competição/O concreto toma conta do que era verde/Desequilíbrio, miséria, fome e sede/Essa lógica corrói os seres humanos/Fode o planeta e seus recursos naturais/Ignota o fato da existência de outros planos/E nos afasta de avanços espirituais”. Disponível em: < <https://m.letras.mus.br/forfun/921127/>>. Acesso em 30 mai. 2023.

26 Como no trecho: “Navios negreiros não cruzam mais o oceano/Mas o trabalho e o dinheiro continuam escravizando/Impondo ao mundo a cultura capital/Materialismo, acúmulo e o pensamento individual/O sangue e o suor os povos do mundo inteiro”. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/forfun/1376640/>>. Acesso em 30 mai. 2023.

27 Disponível em: < <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/27/amigo-da-familia-bolsonaro-ex-forfun-diz-que-banda-acabou-por-ter-vies-de-esquerda.htm>>. Acesso em 29 mai. 2023.

28 Disponível em: < <https://diariodiorio.com/estavamos-num-momento-dificil-diz-rodriigo-costa-sobre-termino-do-forfun/>>. Acesso em 29 mai. 2023.

Além dos músicos mencionados, cabe lembrar três polêmicas que fortalecem nosso argumento de que o rock não é inerentemente progressista. A primeira delas refere-se ao rompimento da banda de punk rock Garotos Podres, que em 2012 sofreu uma separação após alguns de seus membros se considerarem de direita. O assunto foi abordado por Oliveira e Bastos (2016), mas o que mais nos chama atenção é o fato de que a banda nasceu como uma banda de esquerda, chegando a regravar *A Internacional*, hino da União Soviética, mas ainda assim sofreu esse rompimento, o que nos mostra o caráter dinâmico das tensões políticas dentro do rock.

Em segundo lugar, merece ser mencionada a polêmica envolvendo Mizuho Lin, vocalista da banda brasileira de metal sinfônico Semblant, que em 2022 apoiou abertamente o pedido de golpe via intervenção militar realizado por bolsonaristas em suas passeatas após as eleições: "Esse pedido [de intervenção militar] já deveria ter sido feito muito tempo antes. As manifestações pró-Bolsonaro já deviam ter feito esse pedido, mas o povo burro não pediu e agora, depois das eleições, depois do resultado, vai querer ficar p**inho?"²⁹. A fala teve vasta repercussão negativa na internet, com vários fãs do gênero pedindo que a banda fosse retirada do show de abertura para a banda holandesa Epica³⁰, uma referência internacional no gênero metal sinfônico. Em 2023, a banda também deixou de realizar abertura para a banda portuguesa de metal Moonspell, pelo mesmo motivo³¹.

Por fim, cabe mencionar o caso da banda Armored Dawn, uma banda brasileira de metal que possui como vocalista Eduardo Parrillo, um dos sócios da empresa Prevent Senior citada na CPI da COVID por suspeita de ter usado pacientes como cobaias humanas para experimentos contra o Coronavírus com hidroxicloroquina, ivermectina e outras drogas, durante a crise pandêmica. Embora não seja assumidamente bolsonarista e tenha tentado afastar a sua imagem da de Jair Bolsonaro³², Parrillo foi amplamente elogiado pelo antigo presidente pelo uso de cloroquina para tratamento de COVID, mesmo que não houvesse prova científica de sua eficácia³³. Assim como no caso de Mizuho Lin, a banda iria realizar em 2023, nos Estados Unidos, abertura do show da cantora Tarja Turunen, uma grande referência no metal. Todavia, graças a manifestação de fãs brasileiros da cantora, a apresentação foi cancelada³⁴.

Esses três casos merecem ser mencionados para destacar que nem só de apoiadores bolsonaristas vive o rock brasileiro. O que existe, de fato, é uma disputa dentro do gênero sobre as representações, discursos e interpretações relativos à polarização esquerda X

29 Disponível em: <<https://www.wikimetal.com.br/semblant-cancela-shows-epica-brasil-intervencao-militar/>>. Acesso em 29 mai. 2023.

30 O movimento se iniciou com a página "Dark Memes of Wonders", conforme documentado em seu acervo de posts no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/plugins/post.php?href=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FDarkMemesOfWonders%2Fposts%2Fpfbid0ULtbjjaYTMo8uVBHdxUjrE64YrkwLZJsEJ7wc6cmADqDZBj1Rch2ssYJMfi8gQfZl&show_text=true&width=500>. Acesso em 29 mai. 2023.

31 Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2023/04/05/banda-de-metal-desconvida-cantora-que-apoiou-golpe-no-brasil.htm>>. Acesso em 29 mai. 2023.

32 Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/09/27/nao-da-para-dizer-que-ha-prova-cientifica-diz-executivo.ghtml>>. Acesso em 29 mai. 2023.

33 Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/ceo-e-roqueiro-quem-e-o-dono-da-prevent-senior-investigada-na-cpi-da-covid>>. Acesso em 29 mai. 2023.

34 A movimentação em prol do cancelamento da Armored Dawn também foi iniciada pela página "Dark Memes of Wonders". Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=735601671555271&set=a.347858410329601>>. Acesso em 29 mai. 2023.

direita, o que faz do cenário um campo fértil para entender as próprias disputas travadas em outros campos sobre o tema. Artistas como Tico Santa Cruz do Detonautas, Mao dos Garotos Podres, João Gordo dos Ratos de Porão, Fernanda Lira da banda Crypta, Andreas Kisser do Sepultura, Felipe Machado do Viper, Jean Patton da Project46, Max Kolesne do Krisium e Clemente Tadeu, do Plebe Rude, são alguns dos artistas brasileiros de rock que já se manifestaram totalmente contra o bolsonarismo³⁵. Cabe lembrar inclusive o fatídico episódio do Facada Fest, um coletivo punk de Belém do Pará que chegou a ser investigado em 2018 pelo então Ministro da Justiça, Sérgio Moro, por conter cartazes de crítica ao governo Bolsonaro³⁶.

Assim, voltamos a salientar: o rock, assim como outras mídias, não pode ser vislumbrado como intrinsecamente progressista ou conservador, sendo na verdade um campo de batalha pelas representações hegemônicas em torno de polarizações diversas, no caso do Brasil em tempos de bolsonarismo, representada entre bolsonaristas x opositores do bolsonarismo. Isto posto, passamos agora às nossas considerações finais.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo demonstrar as disputas políticas que permeiam o cenário do rock brasileiro durante o período do bolsonarismo, com o intuito de desmistificar a ideia de que o rock é inerentemente progressista.

A partir dos casos elencados, pode-se concluir que a relação entre a música rock e as posições políticas dos músicos é complexa e muitas vezes contraditória. Embora o rock tenha sido historicamente associado à rebeldia, contestação e crítica social, os exemplos mencionados mostram que músicos do gênero também podem adotar posições políticas conservadoras e de apoio a governos controversos, como o bolsonarismo no Brasil.

Os casos de Roger Moreira, Digão e Rodrigo Costa, integrantes de bandas influentes no cenário do rock brasileiro, ilustram essa contradição. Esses músicos, que em suas letras abordaram questões sociais e políticas, manifestaram apoio ao governo de Jair Bolsonaro, mesmo que suas posições políticas fossem contrárias aos valores progressistas geralmente associados ao rock.

A análise desses casos nos leva a refletir sobre as representações e percepções individuais que moldam as posições políticas dos músicos. A visão de Roger Digão e Rodrigo de que a esquerda é hegemônica no Brasil, mesmo em tempos bolsonaristas, reflete uma interpretação particular da dinâmica sociopolítica do país. Da mesma forma, Digão associa críticas à sua opinião política à censura e perseguição, comparando-as ao holocausto judeu, o que revela uma perspectiva distorcida.

Essas contradições demonstram a aplicação dos estudos de Douglas Kellner (2001) sobre a cultura da mídia, entendida como um campo de disputas. Assim, embora muitas músicas de rock expressem críticas sociais e políticas, os exemplos apresentados indicam

35 Disponível em: <<https://www.wikimetal.com.br/manifestacoes-anti-bolsonaro-confira-os-nomes-do-rock-que-se-pronunciaram/>>. Acesso em 29 mai. 2023.

36 Disponível em: <<https://12ft.io/proxy?q=https%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2FIlustrada%2F2021%2F03%2Fmpf-denuncia-o-coletivo-punk-facada-fest-de-belem-por-cartazes-anti-bolsonaro.shtml>>. Acesso em 29 mai. 2023.

que os músicos têm visões políticas diversas e podem adotar posições conservadoras sem que para eles isso implique em uma contradição. Isso ressalta a importância de não generalizar a mídia e o rock como um todo e reconhecer a complexidade das representações individuais e das relações entre música e política.

Em suma, a relação entre rock e política é multifacetada e não pode ser reduzida a uma única perspectiva. Os músicos podem adotar diferentes visões, mesmo quando suas letras abordam questões sociais e políticas. A análise desses casos destaca a necessidade de uma compreensão mais abrangente e contextualizada das representações e percepções que moldam as posições políticas dos músicos de rock.

Referências

ALVES, Luciano. *Flores no deserto: a Legião Urbana em seu próprio tempo*. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: <<http://migre.me/sINlj>>. Acesso em 30 mai. 2023.

BOITO JR, Armando et al. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. *Crítica marxista*, v. 50, p. 111-119, 2020.

CARVALHO, Guilherme Augusto Batista. A esquerda aceitável: a transição do PT para o reformismo no contexto das eleições de 1994, 1998 e 2002. *Global Journal of Human Social Science*, v. 16, n. 2, p. 19-33, 2016.

CHACON, Paulo. *O que é rock?*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/53906055/O-Que-e-Rock-Paulo-Chacon>>. Acesso em 06 dez. 2015.

HOBBSAWN, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

KELLNER, Douglas. *A cultura da Mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas; RYAN, Michael. *Camera politica: the politics and ideology of contemporary hollywood films*. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LIRIO, Gabriela. Teatro brasileiro e censura no governo Bolsonaro. *IdeAs* [online], n. 21, 2023. Publicado em 01 mar. 2023. Acesso em: 30 mai. 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ideas/15504>. DOI: <https://doi.org/10.4000/ideas.15504>.

MUGIATTI, Roberto. *Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação*

e contracultura. Petrópolis: Vozes, 1973.

OLIVEIRA, . M.; BASTOS, . A. S. M. "Saúde e trabalho" versus "contra os coxinhas renegados inimigos do povo": teria ascensão conservadora atingido o punk rock dos garotos podres?. *Captura Críptica: direito, política, atualidade*, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 47–68, 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/3087>. Acesso em: 28 ago. 2023.

REIMÃO, S., NERY, J. E., MAUÉS, F. Tentativas de censura a livros nos primeiros dois anos do governo Bolsonaro 2019-2020. *Literatura E Autoritarismo*, (40), 5–18, 2023. <https://doi.org/10.5902/1679849X66347>.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, Maria Rosimary dos Soares; MUSSE, Ricardo; CATANI, Afrânio Mendes. Desconstruindo a educação superior, os direitos humanos e a produção científica: o Bolsonarismo em ação. *Revista Eletrônica de Educação*. Belo Horizonte, v.14, p. 1-19, jan./dez. 2020.